

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

PRAGAS DA GOIABEIRA SERRANA: TRIPES (*Phrasterothrips* sp. e *Liothrips* sp.) (THYSANOPTERA: PHLAEOTHIRIPIDAE)

Eduardo R. Hickel¹ e Jean-Pierre H. J. Ducroquet¹

ABSTRACT

Insert Pests of Feijoa: Thrips (*Phrasterothrips* sp. e *Liothrips* sp.)
(Thysanoptera: Phlaeothripidae)

Feijoa (*Feijoa sellowiana*) orchards in Videira-SC were sampled during 1990-1991 to determine the species and abundance of thrips infesting twigs, leaves, closed buds, open flowers and fruits. *Phrasterothrips* sp. was the dominant and the most injurious species, and it occurred from October to June, closely associated with the growth of new shoots. *Liothrips* sp. was the second species observed, however it occurred in smaller number during the same period.

KEY WORDS: Insecta, sampling, pest status, Myrtaceae.

Nas espécies frutíferas, os tripes incidem em anoneira, bananeira, cacauero, cajueiro, caquiheiro, mangueira, citros e nectarina, danificando as folhas novas, flores ou frutos pequenos (Gallo *et al.* 1988). O ataque dos tripes, confinado aos tecidos tenros das plantas, ocorre devido a ausência de peças bucais que permitam a sucção de seiva em porções mais profundas dos tecidos vegetais (Reed 1979). Os danos nas partes florais e frutos pequenos, geralmente causam a queda dos mesmos, acarretando prejuízos à frutificação. Em nectarina, a ação dos tripes provoca perdas na produção, agravada pela dificuldade de controle, uma vez que a aplicação de inseticidas no período de floração tem influência

Recebido em 30/03/92.

¹EPAGRI, Estação Experimental de Videira, Caixa Postal 21, 89560-000, Videira, SC.

direta sobre as abelhas e polinização (Bournier 1970, Teulon & Penman 1987).

A goiabeira serrana (*Feijoa sellowiana*) é uma planta frutífera nativa do planalto meridional brasileiro, que desponta como alternativa de cultivo para a região sul do Brasil, tanto a nível de pomar caseiro, como a nível de pomar comercial (Ducroquet & Ribeiro 1991). Em Santa Catarina esta espécie vem sendo pesquisada pela EPAGRI desde 1986, com objetivo de desenvolver um sistema de produção que permita sua cultura em escala comercial. As pesquisas iniciadas em 1990, tem apontado uma série de insetos associados, alguns dos quais bastante prejudiciais às plantas.

A pesquisa de insetos associados a goiabeira serrana foi conduzida por dois anos no pomar experimental da Estação Experimental de Videira, em Santa Catarina. A área utilizada foi de 2.000 m², com plantas de dois anos de idade no espaçamento 5,0 x 2,5 m. Adotou-se um esquema de amostragem semanal, através de inspeção visual das plantas e contagem de colônias em ponteiros, botões florais e em frutos. Alguns exemplares foram coletados e enviados a especialistas para identificação das espécies. Cada amostra foi composta por 40 plantas, sendo sorteadas oito plantas por fila (duas para cada grupo de dez plantas).

Foram encontradas duas espécies de tripses sobre a goiabeira serrana, a saber o tripses da goiabeira serrana (*Phraстерothrips* sp.) e o tripses vermelho dos ponteiros (*Liothrips* sp.) (Thysanoptera: Phlaeothripidae). Ambas espécies não relatadas pela primeira vez para esta planta (Silva *et al.* 1968).

O tripses da goiabeira serrana foi mais abundante e a sua ocorrência, de outubro a junho, está associada aos períodos de brotação da planta, acentuando-se nos meses de outubro/novembro, fevereiro e abril (Fig. 1). O período crítico do ataque ocorre nos meses de outubro e novembro, pois nesta época as plantas se encontram em floração e frutificação e a ação dos tripses se reflete diretamente na produção. Os adultos atingem de 1,5 a 2,5 mm de comprimento e são de coloração marrom escuro uniformes com antenas, asas e tíbias proteróticas claras. Já as ninfas são amarelas com listras transversais vermelhas no tórax e abdome. Ocorrem em folhas em expansão, gemas apicais em brotação, botões florais, flores e frutos pequenos, formando colônias de vários indivíduos. Nas folhas em expansão provocam a formação de verrugas, encarquilhamentos e outras deformações. Os bordos das folhas curvam-se para baixo formando um tubo fino onde os indivíduos se abrigam. Nas gemas apicais em brotação provocam a deformação completa dos primórdios foliares. Em flores causam deformações e encarquilhamentos de sépalas e pétalas, o que muitas vezes impede a abertura das mesmas. No cálice e em frutos jovens, o ataque dos tripses faz surgir verrugas e entumescimentos que quando não provocam sua queda, deformam o fruto durante seu desenvolvimento. Tripses deste gênero incidem em folhas de outras mirtáceas como *Eugenia* sp. e *Myrcia*

sp. e em galhos de cambuci, provocando deformações e cecídias (Lima 1939, Silva *et al.* 1969).

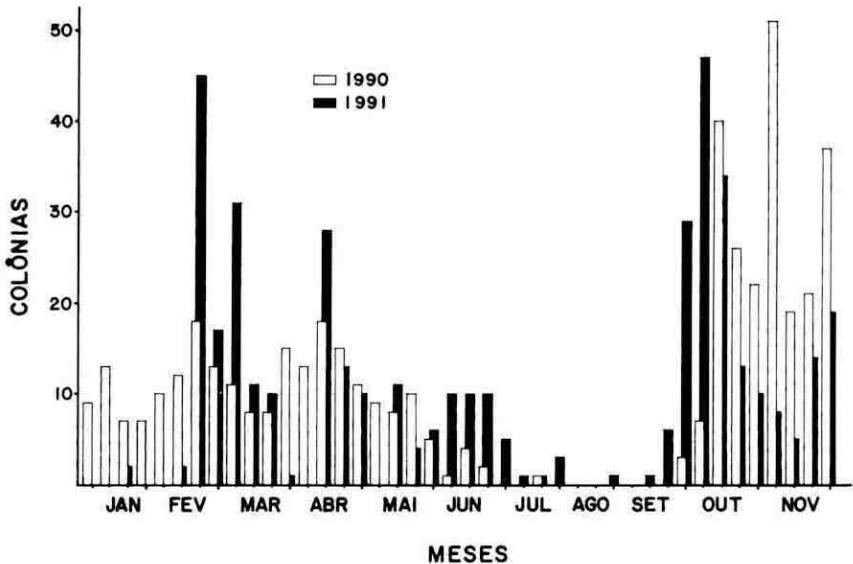


Figura 1. Flutuação populacional do trips da goiabeira serrana (*Phrasterothrips* sp.). Número de colônias contadas em poteiros, flores e frutos durante 1990 e 1991, Videira, SC.

O trips vermelho dos ponteiros é menos importante pois sua população não atingiu as mesmas proporções da espécie anterior. Sua incidência, restrita aos ponteiros em brotação, também limita sua ação nociva, caracterizada pelo aparecimento de manchas necróticas nas filhas em expansão do ponteiro atacado. Os adultos atingem em torno de 3,0 mm de comprimento e são de coloração marrom escuro uniforme, porém mais esguios que os da espécie anterior e com antenas e tibiás protorácicas escuras. As ninfas são completamente vermelhas com cabeça, pernas e segmentos terminais do abdome pretos. Ocorrem nas gemas apicais em brotação em agrupamentos que variam de dois a seis indivíduos. Pelas características das ninfas e adultos, esta espécie de *Liothrips* se aproxima de *L. brasiliensis* (Moulton), e apenas uma outra espécie do gênero, *L. bondari* (Moulton), é relatada sobre mirtáceas, cujas ninfas são bastante diferentes no padrão de coloração (Moulton 1933).

Phrasterothrips sp., devido às elevadas populações observadas durante os períodos de brotação das plantas, bem como pelos danos ocasionados às folhas, e sobretudo aos botões florais, flores e frutos, pode ser considerado uma praga de goiabeira serrana.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Dr. S. Nakahara (Agricultural Research Service - USDA) pela identificação dos tripses.

LITERATURA CITADA

- Bournier, A. 1970. Dégats de Thrips sur nectarines. *Phytoma* 221: 26-29.
- Ducroquet, J. P.H.J. & P.A. Ribeiro. 1991. Goiaba serrana: velha conhecida, nova alternativa. *Agrop. Catarinense* 4: 27-29.
- Gallo, D., O. Nakano, S. Silveira Neto, R.P.L. Carvalho, C.G. Batista, E. Berti Filho, J.R.P. Parra, R.A. Zucchi, S.B. Alves & J.D. Vendramim. 1988. Manual de entomologia agrícola. 2 ed. São Paulo, Ceres, 649p.
- Lima, A.M.C. 1939. Insetos do Brasil. 1º TOMO. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Agronomia, Série Didática nº 2, 470p.
- Moulton, D. 1933. The Thysanoptera of South America (III). *Rev. Ent.* 3: 227-262.
- Reed, E.M. 1979. Thysanoptera, p.458-464. In: CSIRO - The Division of Entomology. The insects of Australia. Camberra, Melbourne University Press, 1029p.
- Silva, A.G.A., C.R. Gonçalves, D.M. Golvão, A.J.L. Gonçalves, J. Gomes, M.N. Silva & L.Simoni. 1969. Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil, seus parasitos e prepadores. Parte II - 1º Tomo. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 622p.
- Teulon, D.A.J. & D.R. Penman. 1987. Thrips control on stonefruit at flowering in Canterbury. In: Proceedings New Zealand Weed and Pest Control Conference, 40, Nelson, p.153-156.